

O santo e o porrete

Franklin de Oliveira *

O conde de Abranhos era ministro de Marinha. Mas não podia pôr os pés num navio. Enjoava.

Os novos condes de Abranhos não são homens do mar. Lidam com outros elementos: aqueles que constituem uma disciplina chamada Economia. Essa designação foi usada pela primeira vez em 1615. Antonini de Mont Chrestieri batizou-a com o nome de Economia Política. Mas logo a designação caiu em desuso. Somente em 1770, ingleses, franceses e italianos voltaram a usá-la, mas desamparando-a das muletas do adjetivo. A Economia desacompanhada do qualificativo político só cuida da administração dos bens de um patrimônio individual, como no caso do sr. Marcílio, que dedicou a vida a zelar pela riqueza do Banco Moreira Sales. Antes de ganhar o qualificativo de política, ela teve outras designações complementares: nacional, pública, civil e social. Eis o que mostra que Economia não é uma disciplina autônoma, muito mais subordinada. Ela é submetida, subjugada pelos interesses de quem vai cuidar, se individuais ou coletivos. Mas a maior de suas subordinações é a política, pelo fato de ser a política a mais radical e a peremptória das realidades humanas. O homem é um ser social. Ele não vive: convive. Quer dizer: vive, existe, move-se entre outros seres humanos.

Além do mais, a Economia não é uma ciência exata, no sentido em que a Física é. Em recente livro, o professor Bernard Marie, da Universidade de Toulouse, França, tratando da Economia, chamou-a de "Grande Mascarada". Quanto aos seus diagnósticos, prognósticos e receituários disse, peremptório: "Não chegaram a nenhuma realidade." O professor francês, que conhece muito bem o que se está passando no Brasil hoje, não hesita em afirmar que vamos pagar um alto preço pelas consequências da referida "mascarada".

No final do século XV Florença foi um dos berços do capitalismo. Dispunha inclusive de um parque industrial dominado pela "Oligarquia da Lâ". A desigualdade na distribuição da riqueza era brutalmente selvagem. A ordem jurídica atuava somente a favor das classes poderosas. Toda vida social estava nas mãos dos banqueiros. A mentalidade dominante era a calculadora: as artes de multiplicar dinheiro sem trabalho. Giovani Dominice, mestre de Santo Antonino, no seu *De Regola Governi*, conferiu timbre conservador até à própria religião católica. São Bernadino de Siena, amigo de Antonino pregava a sua doutrina: as massas deviam se submeter sem turgir nem mugir à vontade da Igreja. A profissão de mercador era abençoada por Deus. A vida miserável dos trabalhadores pode ser estudada num documento anônimo — a

Cronaca dello Squittinatore. Houve, claro, revoltas populares como a dos ciompi, os descamisados da poca.

Foi nesse ambiente e sob a regência de Giovani Dominici que Santo Antonino formou sua mentalidade. As idéias que ele adotou vinham, aliás, do século XIV e traziam a marca do mais feroz conservadorismo. Ao colocar o capital acima do trabalho e não admitir greve, Antonino mostrava a sua face de duro ideólogo do capitalismo mais retardário. Os guichês dos bancos eram tão sagrados quanto os altares onde a Igreja reacionária realizava as suas missas.

Ora bem, a bandeira da Nova República é a da modernidade: roxa, lilás ou que outra cor inventem. Mas modernidade é impossível sem desenvolvimento, e o ministro Marcílio não se cansa de dizer que não vai acionar o desenvolvimento do país.

Aí pelos anos 50 um esperto italiano, decerto da linhagem de Antonino, forjou a teoria do desenvolvimento como meio de barrar a expansão do socialismo no Terceiro Mundo. Era um italiano esperto, que não havia esquecido a herança de Mussolini. Por sua vez, a Europa Ocidental, mais inteligente do que a Itália cambaleando ainda em consequência do porre ou porrete do fascismo, preferiu um truque: substituiu a mais-valia absoluta pela mais-valia relativa. Com isto ela aumentou a capacidade de consumo do Terceiro Mundo, sem diminuir os benefícios obtidos através da exploração do trabalho e do trabalhador. O trabalhador, em virtude do aparente benefício da mais-valia relativa, passou a consumir mais e os senhores de indústria obviamente passaram a ganhar mais. Antonino, que proclamava que o capital estava acima do trabalho, foi de certo modo um precursor de Marrama. E como pastor ele apascentava os rebanhos dos operários, levando-os ao aprisco "do capital.

Esse era o quadro da economia florentina e de uma sociedade em que as injustiças eram focos de turbulência social. Como na época não existiam sindicatos, não havia Lula e nem Meneguelli a servirem de bodes expiatórios.

O sr. Marcílio Moreira Alves elegera Santo Antonino como reitor e ideólogo de sua ação ministerial. Com o atraso de quatro séculos, vai conduzir a nossa economia, acrescentando que, além de ter Santo Antonino numa mão, na outra terá um porrete. Tratemos de salvar as nossas almas, porque o certo é que não conseguiremos livrar o nosso lombo das cacetadas marcilianas.